

ESPECIALIDADES MÉDICAS - NEFROLOGIA

Hugo Abensur

A nefrologia é conhecida como a filha diletta da clínica médica, por ser uma especialidade ampla que envolve conhecimentos de hemodinâmica, de distúrbios hidroeletrólíticos, de imunologia, de moléstias infecciosas e de física aplicada ao ser humano. As patologias que acometem os rins são alvos da atuação dos nefrologistas. Os rins são acometidos por doenças primárias e por quase todas as doenças sistêmicas, como, por exemplo, hipertensão arterial, diabetes, lúpus, vasculites, amiloidoses, mieloma múltiplo e etc.. Diversas doenças infecciosas cursam com acometimento renal, como por exemplo, a endocardite bacteriana, SIDA, leptospirose entre outras.

As principais síndromes nefrológicas são: injúria renal aguda, doença renal crônica, glomerulopatias (síndromes nefróticas e nefríticas), nefropatias túbulo intersticiais (pielonefrites), hipertensão arterial, doenças hereditárias, litíase renal, distúrbios hidro-eletrólíticos.

A injúria renal aguda é caracterizada por perda súbita de função renal causada por diferentes insultos. Os principais insultos que levam à perda aguda da função renal são hemodinâmicos, como, por exemplo, hipotensão arterial grave causada por um episódio de hemorragia digestiva e nefrotóxicos, como por exemplo, a agressão tubular causada pela administração de antibiótico da classe dos aminoglicosídeos. Muitas vezes a perda de função renal é tão intensa que o paciente acometido precisa ser submetido a sessões de diálise, enquanto aguarda a recuperação da função renal. Estes pacientes estão geralmente em ambiente de terapia intensiva.

A doença renal crônica é caracterizada por

perda lenta e progressiva da função renal. São pacientes que perderam néfrons por diferentes tipos de agressões. As agressões que mais freqüentemente levam a doença renal crônica são o diabetes, a hipertensão arterial e as glomerulopatias. À medida que o paciente perde função renal, vão surgindo diversas complicações como, anemia por deficiência de eritropoietina, doença óssea por deficiência de vitamina D ativa, que é produzida nos rins, acidose metabólica, hipertensão arterial, edema, hiperpotassemia e etc... Cabe ao nefrologista adotar medidas para diminuir o ritmo de perda de função renal e tratar as complicações decorrentes da perda de função renal. Quando o paciente perde cerca de 90% da função renal, as terapias de substituição da função renal tornam-se necessárias. As terapias de substituição da função renal são: a diálise (hemodiálise ou diálise peritoneal) e o transplante renal. As terapias dialíticas constituem um universo exclusivo dos nefrologistas, que incluem conhecimentos físicos aplicados à medicina. Pacientes são mantidos em diálise por muitos anos, alguns até por mais de trinta anos. O procedimento cirúrgico do transplante renal é feito pelo urologista. Porém, o nefrologista desempenha papel crucial na transplantação renal. Ele prepara o doador e receptor para o procedimento cirúrgico e cuida da imunossupressão e de toda parte clínica do receptor. O paciente transplantado renal precisa receber imunossupressores pelo resto da vida para evitar o advento de episódios de rejeição ao enxerto renal.

As glomerulopatias são afecções dos glomérulos. A síndrome nefrótica e a síndrome nefrítica são as duas principais manifestações do acometimento glomerular. A síndrome nefrótica

caracteriza-se por perda importante de proteína na urina, com queda da concentração sérica de albumina, edema e dislipidemia. Ela é causada por doenças primárias dos rins como lesões mínimas, glomeruloesclerose segmentar e focal, glomerulonefrite membranosa, glomerulonefrite membranoproliferativa entre outras. A síndrome nefrótica também pode ser conseqüência de doenças sistêmicas como lúpus e diabetes, por exemplo. A síndrome nefrítica é caracterizada por hematúria, edema, hipertensão arterial e perda de função renal. O exemplo clássico é a glomerulonefrite difusa aguda pós-estreptocócica. Porém, várias doenças podem se manifestar com síndrome nefrítica, como, por exemplo, a endocardite bacteriana e o lúpus.

Dentre as doenças hereditárias que acometem os rins, a mais importante é a doença renal policística do adulto. Ela é a terceira causa isolada de doença renal crônica e caracteriza-se por substituição do tecido renal normal por enormes formações císticas. A transmissão é autossômica dominante e rins, que normalmente medem longitudinalmente 10 cm, podem alcançar tamanhos maiores que 30 cm.

O nefrologista também tem atuação importante na calculose renal. Ele pesquisa qual o distúrbio metabólico que está envolvido na gênese do processo litíase de modo a prevenir o aparecimento de novos caçulos renais. As alterações metabólicas mais comumente encontradas são: hipercalcúria, hipocitratúria e hiperuricosúria.

A hipertensão arterial, que acomete mais de 20% da população adulta é estudada de maneira ampla pelo nefrologista. Que investiga as causas desta afecção. Em 80% das vezes não é encontrada uma etiologia para o advento do quadro de hipertensão arterial e ela é chamada de hipertensão arterial essencial ou primária. A principal causa secundária de hipertensão arterial é relacionada às patologias renais. O nefrologista, à semelhança da atuação do cardiologista, trata esta condição, de modo a prevenir o advento das complicações, como hipertrofia miocárdica, insuficiência cardíaca, acidente vascular cerebral e doença renal crônica.

O nefrologista está envolvido ativamente no diagnóstico e tratamento dos distúrbios hidro-eletrolíticos e ácido-básico, como hiponatremia, hipernatremia, hipopotassemia, hiperpotassemia, acidose metabólica e etc...

O nefrologista, em conjunto com o urologista, investiga e trata as infecções do trato urinário.

Uma nova subespecialidade da nefrologia é a nefrologia intervencionista. O nefrologista executando pequenas tarefas invasivas, como colocação de

cateteres vasculares temporários e permanentes para realização de hemodiálise em pacientes com doença renal aguda ou crônica; colocação de cateter intraperitoneal para realização de diálise peritoneal e biópsia renal guiada por ultrassonografia.

A área de atuação do nefrologista é ainda mais ampla. Ele atua junto com os obstetras no tratamento de complicações das gestações como a eclampsia e a pré-eclampsia.

A atividade experimental do nefrologista é muito grande, com pesquisas envolvendo biologia molecular, cultura de células e animais de experimentação.

Por tudo o que foi citado acima, o nefrologista pode ser encontrado nos ambulatórios, nas enfermarias, nas unidades de emergências e de terapia intensiva, unidades de transplante renal, unidades de diálise e nos laboratórios de pesquisa.

O nefrologista atende pacientes com afecções agudas e crônicas. Existem pacientes acompanhados por um único nefrologista por mais de 30 anos. Por exemplo, um paciente acompanhado por hipertensão arterial, que evolui para doença renal crônica, que após 6 anos necessita de programa de hemodiálise e que após 5 anos é transplantado e permanece em acompanhamento nefrológico por mais 15 anos.

No Brasil existem cerca de 100.000 pacientes em programa de diálise. O que resulta numa prevalência de 450 pacientes por milhão de habitantes. Nos Estados Unidos, a prevalência de pacientes em diálise é de 1.000 por milhão de habitantes. De modo, que se espera um número dobrado de pacientes em programa de diálise no Brasil nos próximos anos e obviamente será necessário um número maior de nefrologistas no mercado de trabalho. O setor de diálise constitui um universo particular de atuação dos nefrologistas.

O nefrologista pode atuar em todas as áreas da nefrologia ou atuar em uma das subespecialidades da nefrologia. Por exemplo, atuando exclusivamente em unidades de diálise ou de transplante renal ou em ambulatórios de glomerulopatias.

É claro que o nefrologista, assim como outros especialistas, enfrenta dificuldades, como baixas remunerações ofertadas pelo sistema único de saúde e pela saúde suplementar. Porém, nossa Sociedade está em constante discussão com os gestores de saúde para melhorar esta situação.

Sou nefrologista há 25 anos com atuação em todas as áreas da especialidade e estou muito satisfeito com a nefrologia, que consegue manter vivo pacientes sem função renal por mais de 30 anos.